



INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE - IFS

COORDENADORIA DE GESTÃO DE TURISMO

DISCIPLINA: TCC II – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ACÁCIA OLIVERIA DE AZEVEDO

ANEZIA BISPO DE CARVALHO

ATIVIDADE TÉCNICA

“ARRAIAL DA MEMÓRIA”: A IMPORTÂNCIA DAS QUADRILHAS JUNINAS PARA O TURISMO EM ARACAJU/SE

Aracaju/SE

2019/1

ACÁCIA OLIVEIRA DE AZEVEDO

ANEZIA BISPO DE CARVALHO

ATIVIDADE TÉCNICA

**“ARRAIAL DA MEMÓRIA”: A IMPORTÂNCIA DAS QUADRILHAS JUNINAS
PARA O TURISMO EM ARACAJU/SE**

Projeto de atividade técnica de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Sergipe como requisito para disciplina de TCC II, no curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.

Orientador: Prof. MS.C José Carlos Santos Cunha.

Aracaju/SE

2019/1

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. DESENVOLVIMENTO	4
2.1 Descrevendo a Palestra	5
2.2 Envolvimento e concepção do Público	6
2.3 Relatos Crítico.....	6
3. CONCLUSÃO.....	7
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	7
APÊNDICES.....	8
APÊNDICE A – LISTA DE PRESENÇA.....	9
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA PALESTRA	10
APÊNDICE C – RECEPÇÃO A PALESTRANTE	11
APÊNDICE D – COFFE BRAKE.....	12
APÊNDICE E – RECEPÇÃO DA PALESTRA.....	13
APÊNDICE F – PUBLICO PRESENTE.....	14
APÊNDICE G – PARTICIPANTES DA MESA.....	15
APÊNDICE H – PALESTRANTE AGLAÉ FONTES.....	16
APÊNDICE I – PALESTRANTE, DOCENTES E DISCENTES.....	17

1. INTRODUÇÃO

O relatório em apreço trata-se de um documento que descreve o processo de planejamento e execução da atividade técnica desenvolvida, intitulada “Arraial da memória”.

No campo acadêmico, constitui-se uma etapa do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, realizado para obtenção do grau superior em Tecnologia em Gestão de Turismo, obedecendo ao que estabelece o PPC- Projeto Pedagógico do Curso, assim como as normas de TCC instituída pelo IFS.

No primeiro momento (primeira etapa) foi apresentado o projeto DE ATIVIDADE TÉCNICA¹, no qual constou a proposta de atividade escolhida pelas discentes, qual seja a realização de um evento como modalidade de TCC a partir do PPC, com o seguinte tema: ARRAIAL DA MEMÓRIA: A IMPORTÂNCIA DAS QUADRILHAS JUNINAS PARA O TURISMO EM ARACAJU/SE.

Para alcançar este tema foram definidos os seguintes objetivos:

Geral:

- Apresentar a importância das Quadrilhas Juninas para o Turismo de Aracaju.

Específicos:

- Transmitir conhecimento a comunidade acadêmica, do Curso de Gestão de Turismo do IFS, sobre as Quadrilhas Juninas;
- Sensibilizar os participantes sobre a riqueza cultural das Quadrilhas Juninas e sua influência como atrativo turístico em Açãõ;
- Gerar uma reflexão sobre a (des) valorização das Quadrilhas Juninas em Aracaju-SE.

As quadrilhas juninas constituem uma das manifestações culturais mais representativas para a cidade de Aracaju, patrimônio cultural imaterial², uma das formas de expressão da

¹Modalidade de TCC do curso, conforme **Resolução N° 31/2018/CS/IFS** que aprova a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, ofertado pelo campus Aracaju, cuja as normas são fornecidas pela Coordenadoria do Curso de Gestão de Turismo. Disponível em: https://www.ifs.edu.br/proen/Documentos/2016/CD_01_Aprova_proposta_de_normativa_interna_para_Trabalho_de_Conclusão_de_curso_-_TCC.pdf.

² SANCIONADA PELA CAMARA DE JOÃO PESSOA Patrimônio cultural e imaterial de João Pessoa (Lei 13.480/2017). Disponível em: <https://cmjp.pb.gov.br/agora-e-lei-quadrilhas-juninas-são-reconhecidas-como-patrimônio>

Acesso em 12 de Abril de 2019

Projeto de Lei N° 4060/2018 **EMENTA:** DECLARA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO AS QUADRILHAS JUNINAS OU DE ROÇA.

Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/18c1dd68f96be3e7832566ec00>

Acesso em 27 de Maio de 2019.

cultura popular, sendo referencial para o turismo de Aracaju. Assim, considera a justificativa para o tema do evento enquanto atividade técnica acadêmica. Por outro lado, o evento se constitui em uma estratégia necessária de um diálogo com a sociedade, no sentido de conhecer, esclarecer e vivenciar os valores e expressões materiais e imateriais das quadrilhas juninas enquanto atrativo turístico.

As festas enquanto rituais culturais existem desde os primórdios da humanidade. Na Idade média, as festas se conformam como um espaço onde se dão relações sociais e culturais entre os povos. Para Bakhtin (1987), as festas são um momento de encontro, onde as regras, contrastes e diferenças sociais são abolidas.

[...] núcleo dessa cultura, isto é, o carnaval, não é de maneira alguma a forma puramente artística do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se situa na fronteira entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação. (BAKHTIN, 1987: 6)

Neste contexto, de transformação das lógicas cotidianas e do status que, as festas se colocam em um papel relevante na cultura brasileira, retratada em diversas cidades. A multiplicidade de sentidos e significados suscitados por estas práticas, seja relacionado a uma dada mitologia, a religiosidade, a questões de identidade popular e folclórica, conformam assim uma cultura de festividades no contexto complexo da sociedade brasileira. No bojo desta cultura festiva, se encontram as festas juninas que, fundada a partir de matrizes religiosas confraternizam figuras santificadas no mês de junho por todo o território brasileiro e retratam um dos elementos da identidade em especial do povo nordestino.

Compreende-se que o conceito de identidade cultural, está contido no campo da cultura, e se traduz pela experiência cultural de um povo em relação a outro. As festas juninas são assim, uma expressão tradicional que pertence a identidade cultural do povo brasileiro.

Para a execução do projeto de atividade técnica acima referenciada segue abaixo seus relatos descritivos.

2. DESENVOLVIMENTO

O evento, “Arraial da Memória”, enquanto atividade técnica, ocorreu na manhã do dia 22 de maio de 2019 no Instituto Federal de Sergipe, Campus Aracaju, conforme a seguinte programação:

- 08h30min café da manhã tipicamente junino servido para a palestrante, ao orientador do TCC II, ao avaliador, aos professores da instituição e convidados;
- 09h30min início ao cerimonial da palestra;
- 12h:30min encerramento a palestra com coffee break.

2.1 Descrevendo a Palestra

A palestra foi realizada no Instituto Federal de Sergipe, Campus Aracaju na sala 1S, iniciando-se às 9h:30 com a mestra de cerimônia Acácia Azevedo fazendo a abertura do evento. A mestra convidou a compor a mesa o orientador do TCC II, Prof. MS.C José Carlos Cunha, Prof. MS.C Alysson Cristian Rocha Souza, o avaliador do TCC II e a Profa. MS.C Cristiane Picansso (foto anexa). Após todos se apresentarem ao público foram convidados a retornarem aos seus lugares e assim foi feita a apresentação da palestrante, Profa. Aglaé D'Ávila Fontes, dando início às 10h a palestra com o nome “Dimensão Simbólica do Ciclo Junino”.

Durante sua explanação (foto anexa) a palestrante relatou sobre as bases históricas das festividades no centro da humanidade. No tópico “Muito e muito antes de nós”, foi abordado a origem das comemorações, citando como exemplo, as comemorações no solstício de verão (Junho), onde as festas eram feitas para agradecer aos deuses e fartura recebida da terra, demonstrando assim, as relações: Plantar e colher – relação do homem com a terra; Povos politeístas – crença em vários deuses; Ritual pagão. Ainda nesta fala, fica claro que os “povos, nos diversos períodos do desenvolvimento da humanidade possuíam formas louvatórias as mais variadas para agradecer a proteção dos deuses”.

Seguindo a apresentação, a palestrante expôs sobre a evolução das festividades, sua passagem com o Cristianismo. O Cristianismo na sua implantação precisava combater os rituais do solstício dando um novo sentido às comemorações festivas do período combatendo os rituais pagãos inadequados à filosofia cristã.

A palestrante demonstrou a inserção dos festejos na sociedade brasileira a partir da relação Portugal/Brasil no início da colonização, caracterizada pelas seguintes marcas: era conquistada; colonização português-espanhola; costumes transplantados; marca da fé católica; santos e suas ações; celebrações.

No contexto evolutivo, as festas foram sendo incorporadas ao mês de junho, em comemoração aos santos do período junino e suas histórias, considerando os símbolos juninos, as simpatias.

Ainda neste contexto, a palestrante abordou sobre a festa junina como patrimônio cultural imaterial e construção social. Também, abordou as quadrilhas juninas como atrativo turístico, enfatizando as mudanças das mesmas em termos de quantidade e qualidade. Concluindo esta fala, citou que “a quadrilha junina é uma atividade social prazerosa”.

Ao termino da fala da palestrante foi concedido a palavra ao Prof. MS.C Alysson Cristian Rocha Souza para iniciar o debate, como também foi franqueada a palavra ao publico presente (foto anexa) para perguntas, questionamentos e considerações sobre o tema abordado.

Finalizando o cerimonial com a leitura do cordel “QUADRILHAS JUNINAS”, da autora Izabel Nascimento, Xilogravura de Jefferson Campos, pelo Prof. Dr. Lício Valério.

2.2 Envolvimento e concepção do Público

A atividade técnica, “Arraial da memória”, foi direcionado a sociedade acadêmica na área de Turismo, Trade Turístico e Quadrilheiros sendo que a maior presença foi do público acadêmico.

O evento acadêmico teve 84 pessoas e dessas pessoas, 67 fichas de avaliação preenchidas foram entregues as recepcionistas, conforme documentos anexos.

No questionário de avaliação do evento, na opção “tema abordado”, 50 pessoas marcaram excelente, 11 bom, 1 médio, 2 não se aplica e 3 não responderam. Já na opção “conhecimento do ministrante em relação ao tema da atividade” 55 pessoas marcaram excelente, 6 bom, 2 médio, 1 não se aplica ,3 não responderam.

O público interagiu bem a dinâmica feita pela palestrante durante a palestra, e fizeram perguntas no momento do debate, poucas perguntas foram respondidas, apenas 6 perguntas, pela questão de horário que já tinha se estendido.

2.3 Relatos Crítico

O conteúdo apresentado pela palestrante foi de suma importância de riqueza de detalhes histórico, lúdico e religioso destacando a identidade cultural e social do povo sergipano. Deixando claro que Sergipe tem sim seu diferencial, mas que falta consciência de identidade deixando de salvar e guardar algumas tradições.

Do ponto de vista da discente Anezia Bispo, as quadrilhas juninas sergipanas, assim como o sergipano, deixou-se influenciar por hábitos e culturas de outros estados, perdendo assim sua autenticidade, fazendo das quadrilhas juninas sergipanas um molde das quadrilhas de qualquer outro estado.

Já na reflexão da discente, Acácia Azevedo, o que muitos veem como falta de tradição ou perda de identidade a discente percebe essa ação como mutável, um dialoga com outras culturas e interage com a globalização, deixando esse modelo de quadrilha mais eclética e inovadora, seguindo a modernidade influenciada por uma sociedade mais dinâmica.

3. CONCLUSÃO

De acordo com o que foi realizado, apresentado e discutido na atividade técnica, modalidade de TCC II, através do evento intitulado “Arraial da memória”, observou-se que o tema desperta olhares críticos e diferentes dada a sua complexidade.

Percebe-se que a riqueza cultural das quadrilhas juninas está na sua diversidade de ritmos, músicas, danças, figurinos, vividos e vivenciados em tempos e espaços diferentes. Neste sentido, as quadrilhas juninas se constituem em um atrativo turístico cultural, pois sua pluralidade motiva e atrai.

Contudo, em virtude do valor que as quadrilhas juninas tem para identidade de Aracaju no âmbito turístico, o tema ainda tem muito a ser aprofundado não somente com a população acadêmica de turismo mas também com os quadrilheiros e gestores públicos, visando melhorar a construção social, cultural e turístico de Aracaju.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Aglaé D'avila Fontes de. **Dimensão Simbólica do Ciclo Junino**. 2019. 53 slides.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François rebeiais, 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002

APÊNDICES

APÊNDICE A – LISTA DE PRESENÇA

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA PALESTRA
Questionário de Avaliação de Evento
“Arraial da Memória”

Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
-------	-----	---------	------	---------

Tema do evento:					
Nome do evento:					
Data e Hora do evento:					
Local do evento:					
Palestrante:					
2. Na sua opinião, a palestra cumpriu com o objetivo:					
Fornecer informações sobre a riqueza cultural das Quadrilhas Juninas:					
Apresentar a importância das Quadrilhas Juninas para o Turismo de Aracaju:					
Explamar a (dês) valorização das Quadrilhas Juninas em Aracaju- se:					
Oportunidades de relacionamento e contatos durante o evento:					
3.Quanto as organização do evento:					

APÊNDICE C – RECEPÇÃO A PALESTRANTE



FOTO: LUIZ CARLOS SANTOS OLIVEIRA.

APÊNDICE D – COFFE BRAKE



FOTO: LUIZ CARLOS SANTOS OLIVEIRA.

APÊNDICE E – RECEPÇÃO DA PALESTRA



FOTO: LUIZ CARLOS SANTOS OLIVEIRA.

APÊNDICE F – PÚBLICO PRESENTE

FOTO: LUIZ CARLOS SANTOS OLIVEIRA.

APÊNDICE G – PARTICIPANTES DA MESA



FOTO: LUIZ CARLOS SANTOS OLIVEIRA.

APÊNDICE H – PALESTRANTE AGLAÉ FONTES



FOTO: LUIZ CARLOS SANTOS OLIVEIRA.

APÊNDICE I – PALESTRANTE, DOCENTES E DISCENTES



FOTO: LUIZ CARLOS SANTOS OLIVEIRA.



INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE
COORDENADORIA DE GESTÃO DE TURISMO
DISCIPLINA: TCC II - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ACÁCIA OLIVEIRA DE AZEVEDO
ANEZIA BISPO DE CARVALHO

ATIVIDADE TÉCNICA - PROJETO
“ARRAIAL DA MEMÓRIA”: A IMPORTÂNCIA DAS QUADRILHAS JUNINAS
PARA O TURISMO EM ARACAJU.

Aracaju/SE

2019/1

ACÁCIA OLIVEIRA DE AZEVEDO

ANEZIA BISPO DE CARVALHO

ATIVIDADE TÉCNICA - PROJETO

**“ARRAIAL DA MEMÓRIA”: A IMPORTÂNCIA DAS QUADRILHAS JUNINAS
PARA O TURISMO EM ARACAJU – PALESTRA.**

Projeto de trabalho de conclusão do curso apresentado ao Instituto Federal de Sergipe como requisito para disciplina de TCC II no curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.

Orientador: Prof. MS.C José Carlos Santos Cunha.

Aracaju/SE

2019/1

Sumário

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	4
1.1 - NOME DO PROJETO: ARRAIAL DA MEMÓRIA.....	4
1.2 - TÍTULO DO PROJETO: A IMPORTÂNCIA DAS QUADRILHAS JUNINAS PARA O TURISMO EM ARACAJU – PALESTRA.....	4
1.3 - TEMA CENTRAL: QUADRILHA JUNINA.	4
1.4 - PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ CARLOS DO SANTOS CUNHA.	4
1.5 - RESPONSÁVEIS PELO PROJETO: ACÁCIA OLIVEIRA DE AZEVEDO E ANEZIA BISPO DE CARVALHO.	4
2. OBJETIVOS	4
2.1 - OBJETIVO GERAL	4
2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	4
3. JUSTIFICATIVA.....	4
4. REFERENCIAL TEÓRICO	5
4.1 - CULTURA, TURISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....	5
4.2 - CULTURA JUNINA E IDENTIDADE CULTURAL	8
5. PÚBLICO ALVO E PREVISÃO DOS PARTICIPANTES	12
6. ESPAÇO DESIGNADO	12
7. NÚMEROS DE PARTICIPANTES	12
8. DATA E DURAÇÃO	12
9. RECURSOS NECESSÁRIOS	12
9.1 - HUMANOS.....	12
9.2 - MATERIAIS	12
9.3 - FÍSICOS	13
10. PORTE DO EVENTO.....	13
11. ESTRATÉGIA DE AÇÃO.....	13
11.1 - PLANOS DE DIVULGAÇÃO.....	13
11.2 - PLANOS DE MERCHANDISING	14
12. CRONOGRAMA.....	14
CRONOGRAMA 1: PRÉ-EVENTO.....	14
CRONOGRAMA 2: EVENTO.....	15
CRONOGRAMA 3: PÓS-EVENTO.....	15
13. IMPLANTAÇÃO DO EVENTO	16
14. ACOMPANHAMENTO E CONTROLE	16

“ARRAIAL DA MEMÓRIA”: A IMPORTÂNCIA DAS QUADRILHAS JUNINAS PARA O TURISMO EM ARACAJU/SE

1. Identificação do Projeto

1.1 - Nome do Projeto: Arraial da Memória.

1.2 - Título do Projeto: A Importância das Quadrilhas Juninas para o Turismo em Aracaju – Palestra

1.3 - Tema Central: Quadrilha Junina.

1.4 - Professor Orientador: MS.C José Carlos Santos Cunha.

1.5 - Responsáveis pelo Projeto: Acácia Oliveira de Azevedo e Anezia Bispo de Carvalho.

2. Objetivos

2.1 - Objetivo Geral

- Apresentar a importância das Quadrilhas Juninas para o Turismo de Aracaju.

2.2 - Objetivos Específicos

- Transmitir conhecimento a comunidade acadêmica, do Curso de Gestão de Turismo do IFS, sobre as Quadrilhas Juninas;
- Sensibilizar os participantes sobre a riqueza cultural das Quadrilhas Juninas e sua influência como atrativo turístico em Ação;
- Gerar uma reflexão sobre a (des) valorização das Quadrilhas Juninas em Aracaju.

3. Justificativa

As quadrilhas juninas constituem uma das manifestações culturais mais representativas para a cidade de Aracaju, patrimônio cultural imaterial ¹ como formas de expressão, as quadrilhas juninas é um referencial para o turismo de Aracaju. Tema acadêmico e necessidade de um diálogo com a sociedade,

para que se possa conhecer, esclarecer e vivenciar o que leva uma cultura a ser contemplada como atrativo turístico.

4. Referencial Teórico

4.1 - Cultura, Turismo e Desenvolvimento Regional

A cultura é um conceito central no campo das ciências humanas e sociais. De certo, o dado conceito possui diversas concepções e acepções, de acordo com visões distintas de teóricos desde o século XVIII. Inicialmente as discussões a respeito de cultura foram feitas por antropólogos, Edward B. Tylor e Franz Boas sendo seus maiores expoentes. Para Tylor, cultura compreende "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade". (TYLOR, 2009: 69)

Se o campo de pesquisa for reduzido da História como um todo para aquele ramo aqui chamado Cultura - a história não de tribos ou nações, mas da condição de conhecimento, religião, arte, costumes e semelhanças entre elas a tarefa da investigação revela-se limitada a um âmbito muito mais razoável. Ainda enfrentamos o mesmo tipo de dificuldades que cercam o tema mais amplo, mas em número muito mais reduzido. A evidência já não é tão erraticamente heterogênea, e pode ser mais facilmente classificada e comparada, enquanto a possibilidade de se livrar de material irrelevante e tratar cada questão dentro de seu apropriado conjunto de fatos faz com que, de modo geral, a argumentação rigorosa esteja mais disponível do que na história geral. Isso pode surgir de um breve exame preliminar do problema: como o fenômeno da Cultura pode ser classificado e arranjado, estágio por estágio, numa ordem provável de evolução (TYLOR, 2009: 74).

¹SANCIONADA PELA CAMARA DE JOÃO PESSOA Patrimônio cultural e imaterial de João Pessoa (Lei 13.480/2017). Disponível em: <https://cmjp.pb.gov.br/agora-e-lei-quadrilhas-juninas-são-reconhecidas-como-patrimônio>
Acesso em 12 de Abril de 2019

Por outro lado, Franz Boas, discordava da perspectiva evolucionista de Tylor, e usou do método histórico para combater a ideia de cultura aliada ao progresso científico e tecnológico que compreendia as culturas a partir de juízos de valores, como melhores e piores, mais avançados e menos avançadas, civilizadas e primitivas. Desta forma, enfatiza a complexidade das estruturas sociais das diversas culturas. Assim como, parte da compreensão que [...] os mesmos fenômenos étnicos ocorrem entre os mais diversos povos, ou, como diz Bastian, na espantosa monotonia das ideias fundamentais da humanidade em todo o planeta”. (BOAS, 2010: 26)

Conforme Clifford Geertz (1986) questiona todas as teorias e abordagens que tentam colocar o homem como central face a fatores culturais, psicológicos, biológicos e sociais.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (GEERTZ, 1989: 15)

Com relação ao conceito de turismo e as discussões que circundam este com o conceito de cultura recorre-se a definição da Organização Mundial do Turismo, que afirma que “[...] o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros” (PEREZ; OMT, 2001: 3).

A atividade turística está diretamente ligada ao campo do patrimônio cultural entendendo este como o conjunto de bens culturais e símbolos materiais e imateriais. Segundo Alfonso (2003) o turismo entendido como um sistema deve ser dirigido a buscar o bem-estar da sociedade local e dos visitantes. Por outro lado, o patrimônio cultural, deve ser entendido como produto da sociedade em permanente estado de trocas com todos aqueles que a compõe. Desta forma, será possível planejar ações com a finalidade turística sem causar danos à cultura, enquanto comunidade, que deu origem a mesma.

No marco das relações que se estabelecem entre hospedeiros (habitantes de um lugar / receptores) e turistas (visitantes esporádicos), é necessário levar em conta a atração que certos aspectos da cultura do primeiro podem causar; fundamentalmente certos elementos tangíveis, como a arquitetura monumental ou tradicional, a produção artesanal ou a gastronomia que, de alguma forma, estão ligados à viagem turística. Refiro-me àqueles sinais de identidade, específicos de cada lugar, que podem ser facilmente capturados pelos

turistas e que são frequentemente usados como motivação para visitar certos locais. (ALFONSO, 2003: 98, tradução nossa)

De maneira mais ampla, Beni (1998), compreende o turismo como um conjunto de ferramentas culturais incorporadas a serviços que propiciam a atração de turistas. Para De La Torre (1994) o turismo consiste em uma ocorrência de natureza social traduzida pelo movimento espontâneo de indivíduos e grupos com finalidade de lazer.

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, principalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, se deslocam de seu local de residência habitual para outro, onde não praticam nenhuma atividade remunerada ou remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (De La Torre, 1994: 19, tradução nossa)

Por outro lado, Barretto (2003) destaca a dimensão antropológica do conceito de turismo em contraponto a análise que superestimam o aspecto econômico que não conseguem captar as subjetividades dos atores sociais. Como também, reitera a importância de não tratar o turismo apenas em sua dimensão social e antropológica sem sublinhar os efeitos econômicos que lhes subjazem.

Sendo o negócio apenas uma parte do fenômeno turístico, analisá-lo somente com os paradigmas econômicos que verificam os fluxos de dinheiro leva ao esquecimento da dimensão antropológica, a enxergar os turistas não como pessoas, mas como simples portadores de dinheiro. Ao mesmo tempo, tratar o turismo somente a partir da dimensão socioantropológica e ambiental leva ao esquecimento das suas derivações no plano econômico, o que pode constituir-se numa visão romântica deslocada das atuais condições históricas. (BARRETTO, 2003: 21)

Acerca da discussão sobre desenvolvimento regional, o qual se insere conseqüentemente o fator econômico, relacionando ao turismo é possível compreender que a produção de bens materiais e imateriais de um país pode ser rentável para a população local. Deste modo, a renda per capita de um país se refere ao desenvolvimento atingido por este. (ABLAS, 1991)

Assim considerado, o desenvolvimento envolve um processo de interação entre o Homem e a Natureza que é feito de uma forma cada vez mais intensa, modificando, paulatinamente, as condições de existência dos seres humanos. Atualmente, parece inequívoco que o processo de desenvolvimento deve ser considerado como abrangendo cada vez mais aspectos outros que não a simples relação produção/habitante; deve incluir, por exemplo, as relações sociais, a cultura, o habitat humano, a realização individual e, ainda, o meio ambiente. Dentro da sua complexidade, o conceito de desenvolvimento pode ser levado a um nível espacial menor que a nação de forma a caracterizar o que poderia ser chamado de desenvolvimento regional. (ABLAS, 1991: 44)

Assim, um determinado território ou região que abrange atividades turísticas, culturais que incluem o patrimônio cultural como elemento de atração de público, propiciam o desenvolvimento econômico regional.

4.2 - Cultura Junina e identidade cultural

As festas enquanto rituais culturais, existem desde os primórdios da humanidade. Na Idade média, as festas se conformam como um espaço onde se dão relações sociais e culturais entre os povos. Para Bakhtin (1987), as festas são um momento de encontros, onde as regras, contrastes e diferenças sociais são abolidas.

[...] núcleo dessa cultura, isto é, o carnaval, não é de maneira alguma a forma puramente artística do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se situa na fronteira entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação. (BAKHTIN, 1987: 6)

Neste contexto, de transformação das lógicas cotidianas e do status que, as festas se colocam em um papel relevante na cultura brasileira, retratada em diversas cidades. A multiplicidade de sentidos e significados suscitados por estas práticas, seja relacionado a uma dada mitologia, a religiosidade, a questões de identidade popular e folclórica, conformam assim uma cultura de festividades no contexto complexo da sociedade brasileira. No bojo desta cultura festiva, se encontram as festas juninas que, fundada a partir de matrizes religiosas confraternizam figuras santificadas no mês de junho por todo o território brasileiro.

Uma das primeiras festas, meio populares, meio de igreja de que nos falam crônica coloniais do Brasil é a de São João já com fogueiras e danças. Pois as funções deste popularíssimo santo são afrodisíacas; e aos seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. É o santo casamenteiro por excelência [...] As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João, festejado a foguetes, busca-pés e vivas, visam no Brasil, como em Portugal, a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. No Brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo de água, a da espiga de milho que se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem comê-la; a da faca que de noite se enterra até o cabo na bananeira para de manhã cedo decifrar-se sofregamente e mancha ou a nódoa na lâmina; a da bacia de água, a das agulhas, a do bochecho. Outros interesses de amor encontram proteção em Santo Antônio. Por exemplo, as afeições perdidas. Os noivos, maridos ou amantes desaparecidos. Os amores frios ou mortos. É um dos santos que mais encontramos associados às práticas e feitiçaria afrodisíaca no Brasil. É a imagem desse santo que frequentemente se pendura de cabeça para baixo dentro da cacimba ou do poço para que atenda às promessas o mais breve possível. Os mais impacientes colocam-na dentro de urinóis velhos. Ao seu culto é que se acham ligadas as práticas mais livres e sensuais. Atribuem-lhe a especialidade de arrumar marido ou amante para as velhas, como

São Pedro a de casas viúvos. Mas quase todos os amorosos recorrem a São Gonçalo”.
(FREIRE, 1995: 246 *Apud* AMARAL, 1998: 162-163)

Conforme destaca AMARAL (1998), apesar das festas juninas se difundirem por todas as regiões brasileiras, a região do Norte e Nordeste merece destaque, pelo elemento identitário característico de seu povo. Há uma série de elementos que conformam a cultura junina nestas regiões, como as danças, a indumentária, a culinária, os festejos grandiosos que movimentam cidades inteiras em torno de um ponto comum. Ao destacar o cunho religioso das festas juninas, é preciso destacar os santos que correspondem aos dias comemorativos do mês de junho. Santo Antônio, São Pedro e São João. A comemoração destas festas tendo como representantes estes santos, refletem as crenças e folclore populares, sobretudo no que se refere ao ritual do casamento. O circuito das festas juninas se promove em diferentes datas comemorativas, representadas pelos respectivos santos. Dia 13 de junho, ocorre à festa de Santo Antônio, dia 24 de junho acontece a festa de São João e, finalmente, dia 29 de junho é realizada a festa de São Pedro. Assim, o mês de junho é marcado por festas e comemorações, conhecidas como juninas.

O conceito de identidade cultural se refere à questão de pertencimento a um determinado grupo, podendo estar relacionado a diversos fatores como, sociais, culturais, étnicos, religiosos, de gênero, de nacionalidade.

A identidade cultural é construída e mantida pelo processo de compartilhamento de conhecimento coletivo, como tradições, herança cultural, linguagem, estética, normas e costumes. Assim como as pessoas tipicamente se afiliam a mais de um grupo cultural, a identidade cultural é complexa e multi-facetada. Embora outrora pesquisadores presumiram que a identificação com grupos culturais era óbvia e estável, hoje ela é percebida como contextual e dependente das mudanças temporais e espaciais. No mundo globalizado, com encontros interculturais aumentando, a identidade cultural é sempre estabelecida, negociada, conservada e desafiada pelas práticas. (CHEN, 2017: 22)

Assim, a identidade cultural de um indivíduo se forja a partir do contato com outros indivíduos em um dado contexto sociocultural. As identidades culturais são assim chamadas por possuírem a característica de reconhecimento ou identificação do outro através da cultura e suas práticas simbólicas.

Segundo Cardoso et al (2016) as transformações do conceito de identidade estão relacionadas a uma crise contemporânea da identidade expressa, por sua vez, uma dupla crise, da sociedade e da teoria. A partir da globalização as identidades se tornam múltiplas, fluídas e indefinidas.

A identidade é um fenômeno complexo que incorpora uma dimensão individual, entendida normalmente como núcleo da personalidade, e uma dimensão coletiva que remete o conceito de identidade para um nível de análise grupal ou coletivo. Embora essas dimensões tendam a ser tratadas de forma isolada, será mais indicado considerar a sua interdependência: o individual necessita do reconhecimento do coletivo e o coletivo necessita da capacidade de intervenção do individual. (CARDOSO et al, 2016: 375)

Deste modo, é importante ressaltar que a identidade é um conceito que relaciona a dimensão individual com a coletiva, onde por meio de um processo dialético estas estruturas estão imbricadas de tal forma que não podem ser pensadas separadamente.

[...] para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada, esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (CUCHE, 1999: 182)

Conforme Cuche (1999) há uma confusão entre os conceitos de identidade cultural e a cultura. É preciso compreender que a identidade é derivada da cultura e não o contrário. Enquanto a cultura é um processo irracional, a identidade é produzida por sujeitos conscientemente, a partir de lógicas distintivas. Assim, o autor reconhece a dificuldade de demarcar e conceituar identidade por sua complexidade e capacidade de estar em constante mutação. A flexibilidade e variabilidade característicos possibilitam uma enorme capacidade de fluxos e trocas culturais que dinamizam o processo de constituição das identidades culturais. As identidades culturais não são homogêneas e puras, pois são estruturadas a partir de distinções entre os grupos sociais e indivíduos. Deste modo, os indivíduos são constituídos de múltiplas dimensões dadas ao contato com outras culturas. O autor revela que as trocas culturais sempre existiram no decorrer da história da humanidade. No entanto, dado a globalização este processo se acelerou e se aprofundou de uma forma nunca antes vista. Neste processo, as comunidades mais tradicionais tendem a ser impelidas a parâmetros hegemônicos, sobretudo no que se refere ao consumo. O que não significa dizer que não haja resistência destes povos contra os preceitos globalizantes, que constantemente criam mecanismos para manter sua identidade cultural.

Manter algum tipo de identidade étnica, local ou regional, parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos aos seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm. (Barretto, 2000, p. 46)

Sendo as representações culturais de um dado grupo social uma ferramenta de reconhecimento enquanto pertencentes de complexo social, a preservação destes traços distintivos é a única forma de se manterem vivas as tradições, costumes, mitos, rituais de um povo perante outros.

A construção da identidade étnica extrai da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou. Em outras palavras, a etnicidade faz da tradição ideologia, ao fazer passar o outro pelo mesmo; e faz da tradição um mito na medida em que os elementos culturais que se tornaram “outros”, pelo arranjo e simplificação a que foram submetidos, precisamente para se tornarem diacríticos, se encontram por isso mesmo sobrecarregados de sentido. (CUNHA, 1986: 101-102)

Cunha (1986) discute a questão da identidade étnica a cultura primária de um dado grupo social não se mescla completamente a ponto de perder a sua essência no contato com o outro. Neste sentido, enfatiza que a situação de contato entre grupos sociais distintos faz com que criem distinções através do outro, ainda que hajam semelhanças.

Desta forma, uma identidade étnica de um dado grupo só se funda a partir das relações de troca entre grupos, que por sua vez demarcam suas diferenças.

Concentrando as atenções no processo de construção das identidades vemos que o sentimento de pertencimento a um povo, a uma cultura, nacionalidade, região, religião, grupo, ou a outra forma de identidade cultural, quase sempre, significou o não pertencer a outro. Na verdade a identidade cultural se faz, indubitavelmente, na alteridade. Na perspectiva da ideia de alteridade (ou outridade) todo ser social interage e é interdependente de outros seres sociais. Não são poucos os teóricos que defendem esta perspectiva. (SANTOS, 2011: 145)

Compreende-se assim, que o conceito de identidade cultural, está compreendido no campo da cultura, e se traduz pela experiência cultural de um povo em relação a outro. As festas juninas, são assim, uma expressão tradicional que pertence identidade cultural do povo brasileiro.

5. Público Alvo e Previsão dos Participantes

O projeto do evento é direcionado a sociedade acadêmica na área de Turismo, Trade e Quadrilheiros.

6. Espaço Designado

O espaço utilizado para realização da palestra será sala 1S do Instituto Federal de Sergipe que está localizado na Av. Eng. Gentil Tavares, 1166 - Getúlio Vargas, Aracaju - SE, 49055-260.

7. Números de Participantes

O evento prevê na palestra a participação de no máximo de 60 (sessenta) o número de participantes foi baseado no porte do espaço utilizado.

8. Data e Duração

O evento ocorrerá no dia 22 de maio de 2019, com palestra no período de 9 horas às 11 horas.

9. Recursos Necessários

9.1 - Humanos

- 1 Palestrante;
- 1 Mestre de Cerimônia;
- 2 Recepcionistas;
- 1 Garçom;
- 1 Avaliador do Evento;
- 1 Técnico de Informática e som;

9.2 - Materiais

- 1 Data show;
- 2 Microfones;
- 3 Camisetas do evento;
- 6 Sacolas brindes (uma camiseta do evento, um cordel, um chaveiro, um porta canetas em artesanato, bloco de anotação e um caneta do IFS);
- 20 Folders de divulgação;
- 4 Convites impressos
- 5 Listas de Presença;
- 60 Questionários

- 60 Blocos de anotação;
- 60 Canetas;
- 10 Crachás;
- 60 Livretos de cordel;
- 10 Embalagens para presentes de Livretos de cordel;
- 20 Garrafas de água mineral;
- 2 Garrafas de café;
- 1 Leite
- 3 Bolo de macaxeira, milho, leite;
- 5 Queijadas
- 10 Pé de moleques
- 20 Saróios
- 20 Má casados
- 1 Caldeirão de Mugunzá
- 2 Pacotes de Guardanapos.
- 100 Copos;
- 3 Bandejas;
- 3 Toalhas de mesas;
- 1 Taça de água;
- 1 Máquina fotográfica;
- 5 Livros da editora IFS;

9.3 - Físicos

-
- Sala auditório 1S;
- Setor médico;

10. Porte do Evento

O evento possui caráter acadêmico que se limita a 60 (Sessenta) participantes, estudantes, trade turístico e quadrilheiros. Está categorizado como evento de pequeno porte.

11. Estratégia de Ação

11.1 - Planos de divulgação

- Convecção da logomarca do evento;
- Folders de divulgação;
- Abordagem nas salas de aula nos cursos de turismo do IFS;
- Divulgação nos meios de comunicação da Instituição;
- Divulgação entre os professores da coordenação de Turismo do Instituto;
- Postagens nas redes sócias pessoais dos organizadores do evento;

- 11.2 - Planos de merchandising
- Camiseta do evento para a equipe organizadora;
- Sorteio de livros da editora IFS;
- Distribuição de material para os participantes inscritos (bloco de anotação, caneta, cordel e marca livro)

12. Cronograma

Cronograma 1: Pré-evento

ATIVIDADES	RESPONSÁVEL	PERÍODO
Formação da equipe de apoio do evento	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	08/05/2019 à 15/05/2019
Reserva dos locais	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	15/05/2019 à 19/05/2019
Convecção da logo marca do evento	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	28/04/2019 à 05/04/2019
Material de divulgação	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	15/05/2019
Divulgação do evento	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia) /equipe de apoio do evento (alunos da disciplina de	15/05/2019 à 20/05/2019

	eventos)	
Elaboração de ofícios	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	11/05/2019
Convecção dos brindes	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	08/05/2019
Confirmação do palestrante	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	26/03/2019

Cronograma 2: Evento

ATIVIDADES	RESPONSÁVEL	PERÍODO
Arrumar a sala com equipamentos	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia) e equipe de apoio.	22/05/2019
Receptivo do palestrante	Acácia	22/05/2019
Café da manhã temático	Garçom	22/05/2019
Receptivo dos participantes	Equipe de recepcionistas	22/05/2019
Aplicar o questionário com o público	Equipe de recepcionistas	22/05/2019

Cronograma 3: Pós-evento

ATIVIDADES	RESPONSÁVEL	PERÍODO
Recolher de materiais com as equipes de apoio do evento.	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	22/05/2019

Devolução de material do IFS.	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	22/05/2019
Recolher a lista de presença e formulário de avaliação do evento com as equipes responsáveis.	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	22/05/2019
Elaboração do relatório	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	23/05/2019 a 20/06/2019
Entrega do relatório	Coordenadoras e organizadoras do evento (Acácia e Anézia)	14/06/2019

13. Implantação Do Evento

- 6h30 chegada da equipe organizadora do evento ao IFS para a organização de espaço e divisão de cada setor de tarefa;
- 8h recepcionar o palestrante com um breve café da manhã;
- 8h40 recepcionar o público com a lista de presença conforme a inscrição com entrega do material;
- 9h mestre de cerimônia
- 9h30 começo da palestra;
- 10h30 aberta às perguntas ao público;
- 11h encerramento da palestra;
- 11h10 coffe brack
- 11h45 encerramento

14. Acompanhamento e Controle

O evento vai ser acompanhado por Lista de Presença, avaliado por um Formulário de Avaliação que será preenchido pelo público e analisado no Relatório Técnico produzido pelas docentes criadoras, organizadoras e realizadoras do evento.